

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

ALEXANDRE FERREIRA DA SILVA

**ARTE & EDUCAÇÃO: MEDIAR, CONSTRUIR E
SENSIBILIZAR, QUAL É A DISTÂNCIA?**

**JUIZ DE FORA
2019**

ALEXANDRE FERREIRA DA SILVA

**ARTE & EDUCAÇÃO: MEDIAR, CONSTRUIR E
SENSIBILIZAR, QUAL É A DISTÂNCIA?**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de Juiz
de Fora – UFJF como requisito parcial para
a obtenção do título de Especialista em
Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: M.^a Carmem Lúcia A. Mattos

**JUIZ DE FORA
2019**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às mulheres da minha vida. A minha amada e devotada Vilma, que ainda hoje cumpre comigo incessantemente seu papel de mãe; Para Lilian, parceira fiel de caminhada, apoio em todos os instantes, coração e razão dessa família e, finalmente minhas maiores motivações em evoluir como pessoa, cada vez mais, meus dois tesouros, Victória e Nathália.

Para todas dedico mais este passo, pois dentro de suas histórias e necessidades, foram doces, compreendendo e entendendo o fato de terem que se privar em muitos momentos de minha companhia em prol de meus estudos. Talvez mesmo sem perceber, concederam-me novamente a oportunidade de me realizar ainda mais na busca por conhecimento.

AGRADECIMENTO

Primeiramente, à minha família pela paciência em entender novamente minhas ausências.

A todos os professores/tutores pelo carinho, dedicação e lição de conhecimento demonstrado ao longo do curso.

À minha orientadora Prof^o. M.^a. Carmem Lucia Altomar Mattos pela colaboração.

Particularmente a Prof^a. Dr. Olga Elgas, por sua presteza, dedicação e extremo interesse em nos ajudar quando solicitada, bem como a Prof^a. M.^a Patrícia Gomes Alves de Souza e o Prof. Dr. Francione Carvalho.

Aos colegas de curso, ainda que virtuais, pela espontaneidade na troca de informações fora da plataforma.

E, finalmente, a oportunidade que me foi dada em compartilhar imensurável experiência ao participar deste curso, percebendo o quanto ainda me falta buscar.

Arte & Educação: Mediar, construir e sensibilizar, Qual é a distância?

RESUMO

O presente percurso busca entendimento acerca de qual é a distância para que a ação de mediação possa ocorrer de forma eficaz. Tal entendimento permitirá conhecer melhores formas de utilizar a Arte como ferramenta efetiva de Educação. Baseados em processo qualitativo de revisão bibliográfica e apresentação de narrativas pessoais e profissionais, trouxemos para esta pesquisa elementos e ocorrências informais, não formais e formais, presenciais e a distância, que nos permitam entender se de fato há um modelo ou momento ideal para se mediar Arte ou mesmo de se educar através da Arte. Observaremos que a própria Arte poderá indicar esse momento nos guiando e orientando baseada na capacidade do professor/mediador. Percebemos que a eficácia do desenvolvimento da mediação está além dos espaços ditos formais ou mesmo independe destes. Concluimos então, a partir das reflexões possibilitadas neste percurso, que a mediação pode estar presente em qualquer espaço e em qualquer tempo, pois tem como suporte básico a capacidade do mediador em adequar-se ao momento e conteúdo a ser mediado.

Palavras-chave: Mediação; Educação; Arte-Educação; Sensibilização; Narrativas;

Art & Education: Mediate, build and sensitize, which the Distance?

ABSTRACT

The present research aims to understand how is the distance for the mediation action to take place effectively. Such understanding will provide better ways to use Art as an effective tool of Education. Based on a qualitative process of bibliographical revision and presentation of personal and professional narratives, we have brought to this research elements and occurrences that are informal, non formal, formal, in class and distance learning, which allow us to understand if there is in fact an ideal model or moment to mediate Art or even to educate through Art. We note that Art itself may indicate this moment guiding and orienting us based on the capacity of the teacher / mediator. We realize that the effectiveness of the development of mediation is beyond or even independent of formal locations. We conclude that, based on the results obtained from this research, mediation can take place in any location and at any time, since it has as basic support the ability of the mediator to adapt to the moment and program content to be mediated.

Key words: Mediation; Education; Art-Education; Sensitize; Narratives;

INICIANDO O NOSSO PERCURSO

O objeto proposto pretende mostrar através de narrativas oriundas de experiências profissionais e não profissionais momentos vividos em situações formais, não formais ou informais, onde existe a ação de mediação artístico-cultural, nosso objeto de pesquisa. Também pretendemos delinear e elencar as possibilidades de construção de conhecimento e principalmente de sensibilização nesse processo, tendo como ferramenta principal a Arte, analisando assim como a mediação pode ocorrer e onde de fato ela ocorre, visto que nos propomos a relatar momentos presenciais e a distância. Desta forma entendemos que a questão que norteará a pesquisa é: Qual é a distância em que essa mediação se efetiva?

Atualmente o objeto de pesquisa pode acontecer tanto no modo tradicional e mais conhecido campo de ação de mediação, tal como ocorre nos museus e também em espaços expositivos, como também a distância. A teoria da comunicação segundo Brasil (2006, p. 29), nos diz que são “elementos fundamentais da comunicação: fonte, destinatário, emissor, receptor, código, canal, mensagem/informação”. Assim, a mediação pode ser entendida como comunicação, já que interpretando tais elementos fundamentais, poderemos associá-los a partes ou a processos da mediação, no mesmo sentido dialogam Perroti e Pieruccini (2014, p. 4). Então podemos afirmar que o Mediador é o emissor e que o Observador é o receptor da comunicação/mediação. Baseados nessas afirmações e cientes que a mediação já não é mais um ato que ocorra somente na presencialidade dos sujeitos necessários para essa ação, verificamos que atualmente a mediação também se dá através de aparatos tecnológicos e entre outros processos de construção de conhecimento. Para Pinto (2012, p. 01) “Entrar em um espaço expositivo pode inserir o sujeito em outro mundo, abrindo possibilidades e desconstruindo paradigmas. Essa possibilidade nada mais é do que a gama de transformações que pode provocar a imagem, configurando aqui o discurso em Artes Visuais”, já Mattar (2007) afirma que “são produzidos atualmente cursos extremamente ricos em multimídia online, com poderosos ambientes virtuais que podem certamente promover a integração disciplinar em processos de ensino aprendizagem”. Portanto, os dois autores mostram e reafirmam o nosso entendimento de que há o real potencial para que a mediação possa ocorrer em qualquer um desses dois modelos, presencial ou a distância, pois existem ferramentas que oferecem suporte em ambos para que a mediação possa acontecer, principalmente se a entendermos como aquisição de conhecimento e aprendizagem.

Para que fique clara nossa motivação para essa pesquisa, tal se dá por estar intrínseca em nossa própria vida, seja no aspecto profissional como professor de Artes ou Música, ou mesmo nos aspectos ligados à vida cotidiana, onde como pai, por exemplo, nos vemos impelidos a executar com nossa família, ações como as que um professor teria. Então como a Arte e a mediação estão presentes em nossa vida de forma tão profunda, por que não falar dessas? Oliveira (2017, p. 12150) aponta que “a Pesquisa Narrativa é o caminho para se entender a experiência. Desta forma, ao buscar entender a experiência dos sujeitos por meio da narrativa, resgata-se a sua subjetividade, focando as singularidade e particularidades dos sujeitos em face aos processos educacionais”. O fato é que pretendemos aqui fazer as narrativas de três momentos distintos, onde a mediação ocorreu e teve uma conclusão.

Nesse contexto, a pesquisa narrativa claramente pode alicerçar o relato de experiência, pois permitirá transitarmos entre a primeira e a terceira pessoa ao relatarmos nossa vivência e experiência aqui colocadas como objeto de pesquisa e concomitante análise. Dessa forma, Tourinho (2017, p.153) nos diz que:

Conceitualmente, o ato de narrar não é algo restrito a uma descrição de fenômenos, cenários, relações ou acontecimentos. Narrar é também um tipo de interpretação e, tanto o conhecimento como a compreensão dos episódios, são, de certa forma, uma interpretação. Na cultura, praticamente tudo pode ser percebido e interpretado como narrativa. Num sentido amplo, podemos dizer que a narrativa tem como foco a experiência humana, busca que sempre envolve ações cognitivas e afetivas, entrecruzadas.

Então, entre as mediações que entendemos ser especiais e que narremos aqui, estão principalmente as práticas profissionais, mas uma em especial fugirá dessa característica, pois tratará de uma experiência particular e familiar, onde a mediação ocorreu com uma das minhas filhas. Bourdieu (1999, p. 73) ao dissertar sobre o conjunto das movimentações de estratégias educativas e das estratégias do sistema de reprodução, alerta para [...] o mais oculto e determinante socialmente dos investimentos educativos, a saber, a transmissão doméstica de capital cultural. Nesses momentos não me furto a exercer tal ação e replicar os meus conhecimentos com minhas filhas. Momento esse que será descrito mais à frente.

Nas três situações que serão apresentadas nesse trabalho, quer seja na informalidade da posição de pai, bem como na de professor de música ou ainda como Tutor, sempre nos vemos mediando assuntos ou temas ligados a Arte, imagens ou cultura. Estas ações de mediar podem estar ligadas a conteúdos didáticos ou não, mas há sempre a intenção de que tais conteúdos sejam artísticos. Particularmente entendo que argumentações possam

trazer a Arte como fundamentação e então na mediação a que me proponho, a Arte se torna o cerne de todas as propostas.

Com exceção da primeira narrativa, as duas seguintes que apresentaremos irão mostrar dois relatos profissionais, dois relatos de experiência, um como professor de música e de teoria musical e outro como tutor/web em uma IES de São Paulo, no curso de licenciatura e de formação de professores em Artes Visuais.

Segundo o site Escrita Acadêmica (2019)

O relato de experiência é um texto que descreve precisamente uma dada experiência que possa contribuir de forma relevante para sua área de atuação (por exemplo, um curso novo ministrado sobre determinado assunto, um projeto profissional, etc.). Ele traz as motivações ou metodologias para as ações tomadas na situação e as considerações/impressões que a vivência trouxe àquele(a) que a viveu. O relato é feito de modo contextualizado, com objetividade e aporte teórico. Em outras palavras, não é uma narração emotiva e subjetiva, nem uma mera divagação pessoal e aleatória.

Assim, na segunda narrativa que apresentaremos descreverei minha prática como professor de música, mas tratando de Arte, onde além de fazer mediação de técnica e teoria musical com alunos que buscam orientação para aprender a tocar um instrumento e, isso se dá corpo a corpo, presencialmente, discuto sobre arte de um modo geral.

Já na terceira é última narrativa descreverei que como tutor, executo a orientação de Trabalhos de Conclusão de Curso, com um grande número de alunos e então preciso mediar esse conteúdo metodológico e também temático de uma forma muito abrangente, na qual eu sempre atinja da melhor maneira o maior número de alunos possível. Esse processo se dá totalmente a distância e já está no seu quarto semestre ou quarto grupo de formandos.

Observo então que na minha prática como professor e mais efetivamente como mediador, tenho obtido sucesso nessas ações, ou seja, entendo que estou sendo efetivo e que tenho obtido bons resultados nessa empreitada de mediar Arte e cultura dentro dos limites que meus conhecimentos me permitem. Já pra superar esses limites busco mais conhecimento.

Com o objetivo de fechar esse introdutório, buscamos conceituar o objeto de pesquisa e então sabemos que mediar significa colocar-se entre duas “coisas”, o objeto a ser mediado e o observador, segundo Coelho (1997, p. 247), a mediação cultural trata de “Processos de diferente natureza cuja meta é promover a aproximação entre indivíduos ou coletividades e obras de cultura e arte. Essa aproximação é feita com o objetivo de facilitar a compreensão da obra, seu conhecimento sensível e intelectual [...]. Logo, quando falamos sobre cultura, podemos subentender significados diversos e entre tais, podemos ler que cultura poderá tratar dos conhecimentos acumulados pelos homens através das muitas gerações, ou

dos hábitos e costumes de um determinado grupo social, ou ainda de valores e tradições referentes a um certo período. Neste contexto Coelho (1997, p. 248) define o mediador cultural como “Todo aquele que exerce atividades de aproximação entre indivíduos ou grupos de indivíduos e as obras de cultura”.

Com a composição das definições dos termos acima citados, podemos determinar que a mediação é a ação executada por um determinado indivíduo que possuidor de determinado conhecimento se coloca entre este e o público que tem interesse em tal conhecimento. Podemos também entender que o professor se apresenta como a figura central desta descrição, já que assumida tal personificação, sabemos que o professor acumula conhecimentos e os media com seus discentes.

Dirigindo agora nosso olhar para a educação e buscando conceituar a mediação também nessa área, vemos a colocação de Zanola (2012 *apud* Duarte 2000) que descreve que

Em tese, atualmente na área da educação, o conceito de mediação leva à expectativa de uma relação de reciprocidade entre o indivíduo e as possibilidades do conhecer, aprender. Enfatiza, através do discurso oficial no plano da ideologia intersubjetiva a “troca de experiências entre as pessoas” para a possibilidade de conhecimento pelo “vir a ser”.

OBSERVANDO OUTROS PERCURSOS

Ao ler os artigos e suas narrativas é possível perceber como os narradores constroem sentido a partir de suas experiências ao lhes dar a forma de narrativas (PAIVA, 2008, p.5). Dessa forma introduzimos essa parte de nosso processo de pesquisa, buscando através de percursos aparentemente desordenados dar sentido às experiências que pretendem somar informações e conhecimento nas ações de mediação, supostamente carentes de fundamentação. Ainda buscamos suporte na pesquisa autobiográfica que nesse sentido pode fundamentar ainda mais nossas vivências, pois segundo Frison e Simão (2012, p. 198)

O centro da pesquisa autobiográfica encontra-se no ser humano que, em diferentes contextos e situações, autobiografa-se, quer narrando fatos de sua vida, quer refletindo sobre seu processo de autoformação. A pessoa, ao narrar, narra-se e, ao fazê-lo, ressignifica experiências, vivências, aprendizagens, dando-lhes novo significado.

Buscamos em nossas vivências trazidas aqui, compartilhá-las, mas principalmente refletir a partir delas, pois tais reflexões nos incitam a mais pesquisas e outros processos formativos. Frison e Simão (2012, p. 202) afirmam que “As oportunidades de aprendizagem contribuem para sistematizar fatos e situações, que levam à formação e à autoformação” e em outro aspecto complementam dizendo que quando essas oportunidades são associadas às experiências narrativas de construção, promovem a identidade pessoal/profissional que se desvela nas narrativas dos aprendizes de professor. Desse modo, ao narrarmos nossos processos de mediação, formais ou informais, percebemos que vamos claramente nos reapropriando de nossa história, das experiências, das vivências e sobre tudo de valores que nos fizeram estar onde estamos nesse momento. As autoras ao fim de suas argumentações concluem afirmando que “Ao narrar, a pessoa narra-se e reflete sobre as próprias experiências. Ela entabula consigo um diálogo metacognitivo; reorganiza suas aprendizagens; estabelece novas metas que a levem a progredir e a construir novos conhecimentos” (FRISON; SIMÃO, p.204)

Então ao seguirmos nosso percurso, percebemos que a mediação cultural trata sempre, ou minimamente busca tratar de momentos de sensibilização do homem em equilíbrio ao racional como mostra Santos (1996) ao nos mostrar Schiller, trazendo para a vida deste novas ferramentas reflexivas, que ampliem de fato o seu olhar para o ambiente que o cerca e quiçá para o mundo em que este vive. A mediação busca em processos visivelmente cognitivos atuar no consciente do aluno ou observador, que pode ou não ser um discente, lhe

mostrando novos olhares para o que possa estar adormecido dentro de si. Kupiec, Neitzel e Carvalho (2014, p. 165) relatam que processos de mediação cultural que ocorram em espaços educativos [...] “podem estimular o contato com a arte e, nessa interação, pode-se levar os sujeitos a serem capazes de perceber, ver, sentir, apreciar e produzir, percebendo-se atores de sua história” e ampliando essa tessitura de entrelaçamentos Martinho (2013, p. 436) diz que “O trabalho de mediação cultural constitui um contexto especialmente propício à percepção da relação das pessoas com a arte e das maneiras como por ela se sentem interpeladas”.

As autoras ainda trazem importante reflexão acerca da relevância da mediação cultural em processos que se prolongam e vão notadamente além o momento da mediação propriamente dita, pois assim como elas, consideramos que tais momentos poderão acompanhar o aluno ou observador para toda sua vida.

[...] entendemos que a mediação cultural é fundamental para que os vínculos criados nesses espaços ultrapassem a efemeridade, não sejam episódicos, e que levem a repercussões por meio das relações estabelecidas e alimentadas cotidianamente. O processo de mediação cultural nos espaços educativos pode contribuir para que se fortaleçam a produção, a dinamização, a interação, a diversidade metodológica que promove a formação estética e artística dos sujeitos. (KUPIEC, NEITZEL, e CARVALHO 2014, p. 165)

É possível que os espaços onde a mediação aconteça sejam relevantes para a efetivação do processo de aprendizagem, mas como acreditamos, a eficácia do desenvolvimento da mediação pode estar além destes espaços. Então ao discutir sobre os espaços, Kupiec, Neitzel e Carvalho (2014, p. 168) afirmam que o uso dos espaços será orientado por determinadas circunstâncias, dentro da escola podem ser espaços ociosos, de lazer, sociais, onde seria possível inclusive vermos a família, enfim, espaços que podem ser próprios ou impróprios. Continuam elas posteriormente, dizendo que poderemos ver espaços para além da escola como “Há aqueles criados com uma vocação cultural, o que significa que suas ações são voltadas prioritariamente à promoção da cultura, da arte, como os museus, bibliotecas e galerias de arte”.

Não obstante, Pinto (2012, p.98) ao afirmar que [...] “a mediação é um processo de intervenção de um elemento numa relação objeto-sujeito” nos remete à reflexão de que o ato de mediar está além dos espaços, além das paredes, muros, locais ou espaços previamente determinados, ela pode ocorrer em diversos momentos e situações, desde que guarde as características de intervenção entre objeto e sujeito. Tanto na escola como em qualquer outro espaço educativo, o processo de mediação cultural deve ser o entrecruzamento de conhecimentos artísticos, estéticos e políticos. Kupiec, Neitzel e Carvalho (2014, p. 169-170).

A partir disso passamos a entender que o caminho da mediação será definido e guiado pelo mediador, que como afirma Pinto (2012, p. 104) “atua como proponente e o exercício teórico é pertinente e ponto de partida para toda e qualquer mediação”. Assim, o mediador tem então grande responsabilidade nas ações que irá exercer com seus observadores, pois como lembra Coutinho (2013, p. 51) “A questão da mediação, para além do cultural, precisa ser entendida em sua dinâmica política e econômica”. Particularmente acrescentaríamos a estes aspectos, o plano social e das relações do observado ou aluno, já que este precisa se ver dentro do mundo que está sendo mediado. Neste mesmo sentido Kupiec, Neitzel e Carvalho (2014, p. 169-170) dizem

Compreendemos, nesse processo, que a mediação cultural é um importante instrumento para a formação artística, estética e, também, política das pessoas que frequentam os espaços educativos, sejam eles os espaços formais ou não formais de ensino, e que ela pode promover a autonomia do sujeito.

Nesse mesmo sentido Martinho (2013, p. 438) ao traçar perfis de mediadores chama a atenção para o fato de que “Para alguns, o gosto pela comunicação surge estreitamente relacionado com a visão da arte como fator de mudança, dos indivíduos e da sociedade, e de promoção de cidadania”, nos vemos instados a reforçar a necessidade da compreensão e do entendimento de que o mediador precisa estar e ser consciente de seu papel em todo o processo de mediação. Ele deve compreender sua relevância neste caminho e principalmente colocar-se na ação de mediação como um co-participante, que passou por processos de aprendizado antes de estar ali. Dessa forma ela irá colocar os observadores dentro da mediação e isto não deverá ocorrer como simples ação profissional, fria, mas com postura empática, oriunda de quem certamente sabe pra quem está falando. Martinho (2013, p. 434) ressalta que a capacidade de gerenciamento de pessoas e situações, dando atenção, percebendo motivações e integrando as opiniões dos observadores é que podem garantir a eficácia do mediador. Essa capacidade poderá ser vista quando o mediador se mostrar flexível, colocando-se “quer do lado do artista e da obra quer do lado da ‘assistência’; conseguir sintonizar-se com os diferentes grupos, recorrendo, nomeadamente, a referências que lhes possam ser familiares”.

O mediador cultural precisa entender que os usuários do patrimônio são agentes ativos que pertencem a comunidades interpretativas. Importante salientar que o mediador também precisa se entender como um sujeito ativo pertencente às suas comunidades interpretativas. Só desta maneira é possível se exercer uma mediação dialógica e conversacional, com todos os atores situados no mesmo plano, em que a palavra toma o espaço em movimentos circulares, abrindo possibilidade para múltiplas narrativas e para diferentes interpretações, que pressupõe obviamente uma

cuidadosa acuidade de escuta de quem conduz este processo, o educador mediador. (COUTINHO, 2013 p. 54)

Precisamos lembrar que aqui pretendemos falar de três situações de mediação que ocorrem em locais e momentos diversos e nesse aspecto é também preciso salientar que tais ações de mediação podem ou não ser programadas. Assim, o termo mediação deve ser compreendido como prática variada, que se permite acontecer em locais variados e em inúmeros contextos que também poderão nortear a ação mediadora. Esta ação mediadora sempre tem uma intenção muito clara que é mudar o indivíduo, assim como afirmam Kupiec, Neitzel e Carvalho (2014, p. 170) ao dizer que “A arte revitaliza a sensibilidade humana e contribui para a formação geral do homem, sendo um meio de (re)humanizar o ser humano e projetar sua emancipação”. Estes interesses artísticos incluem a própria visão da arte como um elemento de mudança das pessoas e das sociedades, no sentido de as poder “melhorar” (MARTINHO, 2013 p. 428). Neste quadro, Perroti e Pieruccini (2014, p. 4 *apud* Davallon 2004)

[...] alertam para a necessidade de tratá-la como noção situacional, ou seja, categoria pensada em relação a contextos e processos precisos, já que se pode falar tanto em mediação cultural em contextos difusos, como em museus, bibliotecas, teatros e outros equipamentos culturais, considerando-se, ainda, em relação a estes uma gama diversificada de manifestações diferenciadas em cada um desses equipamentos.

Falaremos da mediação ocorrida no dia a dia, na informalidade das relações pessoais, onde ocorre o compartilhamento e a mediação de conhecimentos culturais de maneira informal, livre de amarras de organização de conteúdos e outras formalidades que possam estar presentes nas mediações formalizadas. Vale lembrar também da pouca bibliografia que trata dessas mediações e que em grande parte está presente em algumas narrativas de poucos pesquisadores, o que de forma alguma invalida este percurso. Perroti e Pieruccini (2014, p. 10) afirmam que a “mediação não é somente um ato “funcional” ou de âmbito restrito; é também discurso, ato de produção de sentidos que se realiza no campo amplo e dinâmico da cultura”. Neste aspecto, A arte é, aqui, percebida como o objeto de partida para o sentir e o construir. As pessoas e os espaços são os mediadores nesse processo de autonomia que se desencadeia e uma grande teia de relações é construída mobilizando seres humanos em formação. (KUPIEK, NEITZEL e CARVALHO 2014, p. 170)

Finalizando esse momento de visitação em textos que dialogam com a temática proposta por nós, vimos que segundo Martinho (2013, p. 436-437) existem três razões principais que levam observadores a participar de atividades que contem com ações de

mediação cultural. Na primeira delas a autora aponta a vontade de conhecer ou ampliar conhecimentos sobre arte contemporânea tendo contato com as obras. Em seguida, ao apontar a senda razão, ela diz que a busca por uma espécie de auto-ensino que se facilita pelo acesso à informação. Ao descrever a terceira razão ela mostra a ação de responsáveis por jovens, de fazer estes terem acesso a atividades artísticas fora do âmbito da escola, mas para esta razão propomos um alerta e reflexão. Devemos lembrar que tais ações fora da escola poderão acentuar diferenças, pois é possível a leitura de que nem todos terão acesso a tais atividades e isso caminha em sentido contrário à pretensão da mediação, que é compartilhar o conhecimento e então, Coutinho (2009, p. 3740) afirma que "[...] é urgente em nosso contexto brasileiro refletir sobre as ações educativas que tenham por finalidade favorecer aproximações com a arte e a cultura, sobretudo aquelas que têm como foco os sujeitos que historicamente foram apartados destes conhecimentos". Isso nos remete novamente a Kupiec, Neitzel e Carvalho (2014, p. 174-175) que afirma que

[...] a mediação cultural é compreendida como algo maior, um percurso que não se acaba nos momentos de aula ou de visitação a um museu, a uma biblioteca ou a uma apresentação musical, pois ele se abre, se entrelaça a outras experiências vividas pelo sujeito que interferem diretamente no processo de aprendizagem

Então, se interferem no processo de aprendizagem, a arte e a cultura devem ser obviamente ofertadas a todos, indiscriminadamente, fazendo uso para isso de todo e qualquer momento, de toda e qualquer ferramenta para sensibilizar o indivíduo. Em nossa busca observamos que a mediação e a preparação para a ação de mediar são extremamente importantes e que podem determinar de fato algum grau de sensibilização. Assim, para encerrar esse momento, observaremos Kupiec, Neitzel e Carvalho (2014, p. 169)

Entendemos que o afetamento dos sujeitos na relação com a obra não se dá somente no campo do sensível, mas uma vez afetados pelo objeto, as pessoas apropriam-se de outros saberes que, de alguma forma, interferem na sua forma de ser e estar no mundo, em suas mais diversas dimensões.

NARRATIVAS DAS MEDIAÇÕES

Histórias de família - Na informalidade das intenções

A primeira narrativa se passa em um ambiente familiar, na mais informal das situações do cotidiano. Para situar o leitor, transcrevo agora tentando ser breve, uma rápida descrição do momento dessa mediação, assim como Oliveira (2009) ao descrever as histórias de dona Prizulina, buscando ser o mais fiel possível ao fato em si, pois a mediação ocorrida ali foi um fato prazeroso para este que escreve aqui.

Era noite e estávamos minha filha mais nova, com aproximadamente nove anos à época e eu, finalizando serviços domésticos na cozinha após mais um dia de atribuições profissionais e familiares. Em determinado momento ouço que ela começa a cantar a música “Minha Alma (A Paz Que Eu Não Quero)” da banda carioca “O RAPPÁ”. Nenhuma surpresa até então, pois como músico nesse momento participava de um projeto em que esta era uma das músicas que executávamos e certamente ela já havia me visto ou escutado trabalhando essa música de alguma forma, ou mesmo a cantarolando por ali ou por aqui. A partir desse momento se inicia o que me chamou a atenção e a ação que considero mediação, pois estava a poucos instantes de me colocar entre o objeto a ser mediado, a música e o significado de sua letra e a observadora deste processo, minha filha, pois [...] “mediação cultural, como foi acima mencionado, é utilizado em diferentes contextos, recobrando um conjunto multiforme de práticas culturais. (PERROTI E PIERUCCINI, 2014).

O início se dá quando pergunto, apenas para estender um pouco mais nosso momento pai e filha, de onde ela conhecia aquela música, ao que ela me responde que já tinha escutado, mas não se lembrava de onde e já emenda a pergunta – Pai? O que ele quer dizer quando canta: “- Mas não me deixe sentar na poltrona no dia de domingo [...]”? Respondi, sendo o mais informal possível, mas sem perder *la* didática, jamais, que só aquela frase representava a preocupação do autor da música em não se deixar ficar sentado em um local, que poderia nem ser um lugar físico, mas sim um estado mental de falso conforto, onde o personagem descrito pelo autor enxerga que tudo está bem, mas onde de fato nada está bem. E segui, dizendo que na frase podemos observar que o autor faz um apelo para alguém que está perto dele, para que não o deixe cair nessa tentação de ficar em um lugar enganoso e falsamente calmo, apenas observando o que acontece, sem participar de nada e sem fazer nada

pra mudar o “sistema”. Lembro ainda de dizer que o assunto ali era mais profundo e complicado do que apenas aquela frase. Notadamente as temáticas levantadas pelas letras cantadas pela banda têm alto teor de crítica social e se orientam por questões reflexivas como podemos verificar nessa letra específica, nos remetendo a questão do capital cultural objetivado levantado por Bourdieu (2007).

Porém, já que estava em meio a este contexto, deixei claro pra ela que uma frase solta podia não representar de fato o entendimento de toda a música e o que esta poderia querer mostrar de mais profundo sobre o assunto.

Então começamos a cantar a música desde o seu início e a pegar cada verso isoladamente, a analisar o que o autor queria dizer naquele trecho específico e a fazer correlações com fatos que ela via e vivenciava no seu dia a dia. Na sequência, após ouvir suas colocações, pois naquele momento em que a ouvia, percebi uma maneira de conhecer o modo como ela via e interpretava o mundo que a cercava, eu apresentava fatos e ocorrências mais concretas que ilustravam ainda mais as imagens que os versos isolados nos apresentavam. Então após as minhas colocações e falando sobre a frase musical que deu início à nossa conversa, ela, após alguns instantes de quietude, liga a frase do autor ao fato de ficarmos em alguns domingos sentados na sala assistindo programas como o “Domingão do Faustão”. Ali me senti aliviado, pois parte do meu intento em esticar aquela conversa e também honrar o autor e sua letra foram atingidos. O objetivo certamente foi atingido, ainda que o entendimento dela pudesse ser, naquele momento, limitado devido sua pouca idade e pouca experiência. Segundo Oliveira (2009, p. 83) [...] “os diferentes modos de perceber e significar o mundo ao seu redor é parte desse movimento que enxerga a imagem como mediadora da relação do ser humano com o mundo.”

Prosseguimos com todas as frases e outra que lhe levantou as sobrancelhas, em clara expressão de inquietação, foi “- Pois paz sem voz, paz sem voz, não é paz é medo”. Logo veio a intervenção... e ai? O que ele está dizendo? Entre tantas interpretações possíveis, me veio a mais clara, pelo menos para mim, o exemplo de ditaduras, independente de questões ideológicas, onde o povo vive em “paz”, sob os cuidados do estado, mas sem a possibilidade de questionar, reclamar ou mesmo se manifestar. Disse para ela que essa é uma paz sem voz. Este exemplo, talvez ainda estivesse longe de sua compreensão e então parti para algo mais local com aspectos e características vistas no noticiário de televisão. Decidi então exemplificar usando argumentos ligados ao tráfico de drogas e os morros da cidade do Rio de Janeiro, onde igualmente as pessoas se veem sob a proteção dos traficantes, mas também não podem questionar, falar e muito menos se manifestar contra

nada. O entendimento ainda necessitava ser mais específico e então usei minha figura de pai como exemplo. Disse a ela que imaginasse a minha figura de pai sendo enérgico, limitador e até agressivo e que em tal posição não permitisse que ela questionasse as minhas decisões. Pronto, estava feita a conexão entre a imagem mental que o verso induz e uma imagem concreta da “paz sem voz”.

Este processo de orientação dos seres humanos no mundo não pode ser compreendido, de um lado, de um ponto de vista puramente subjetivista; de outro, de um ângulo objetivista mecanicista. Na verdade, esta orientação no mundo só pode ser realmente compreendida na unidade dialética entre subjetividade e objetividade. Assim entendida, a orientação no mundo põe a questão das finalidades da ação ao nível da percepção crítica da realidade. (FREIRE, 1981 p. 35)

Seguimos com essa “brincadeira” em forma de conversa informal, mas que carregava muita afetividade e cumplicidade, pois ela apresentou e me confiou dúvidas que talvez não fossem tratadas nunca mais dessa forma e que, possivelmente, em algum momento futuro de sua vida, pudessem ser dirimidas por ela mesma, da maneira que mais lhe conviessem.

Ainda hoje, vez por outra, nos vemos debatendo sobre letras de música, enredos de filmes e falas de pessoas que de alguma forma lhe incomodam e a levam ao questionamento. Assim, como afirmei no início deste percurso, entendo que através da Arte podemos esclarecer, humanizar e ampliar conhecimentos básicos, como a interpretação de um texto de nossa língua mãe. Podemos também ir além, analisando semioticamente questões que não são tão claras para pessoas que tem limitações em fruir o abstrato, a Arte ou mesmo simples imagens, pois como afirma Freire (1981, p. 78) ”Nenhum tema é apenas o que aparece na forma lingüística que o expressa. Há sempre algo mais oculto, mais profundo, cuja explicitação se faz indispensável à sua compreensão geral”.

Essa possibilidade de ampliar o entendimento dela acerca dos versos estava ligada diretamente à minha bagagem cultural, profissional e a outros fatores que estão além da própria formação acadêmica, mas que me permitiram dialogar em níveis diversos de entendimento, até que pudesse me orientar a partir dos entendimentos dela.

Histórias com a Música - A não formalidade das intenções

A segunda mediação se passa em outro momento, comigo na posição de professor de música e de teoria musical. Assim, apenas para uma breve contextualização dos eventos que se seguirão, conto um pouco sobre este aspecto de minha formação.

Por volta de 1992, ao final da Educação Básica me vejo em meio a música, algo que me acompanhou a partir de então até hoje. Primeiramente estudos meramente práticos, tocando sem parar, depois estudos mais dirigidos já com professores e posteriormente a prática profissional de músico durante vinte e oito anos já contados. No meio deste ciclo, nos anos 2000 me torno não formalmente professor de instrumento, com base nos aprendizados práticos e teóricos e por fim, obtenho a licenciatura em música ao final de 2015. Bem, essa contextualização inicial busca deixar claro o fato de que a música desde muito tempo me acompanha e durante todo esse tempo, o fato de ensinar agregou muito prazer ao fazer musical.

O mundo da música e o mundo das Artes Visuais fazem parte do meu cotidiano e não é simples dissociá-los, sinceramente nem acredito nessa possibilidade e aí os entrecruzamentos ocorrem sempre. Disso então fala a minha segunda narrativa.

Outro ponto que faz da educação um momento artístico é exatamente quando ela é, também, um ato de conhecimento. Conhecer, para mim, é algo de belo! Na medida em que conhecer é desvendar um objeto, o desvendamento dá “vida” ao objeto, chama -o para a “vida”, e até mesmo lhe confere uma nova “vida”. Isto é uma tarefa artística, porque nosso conhecimento tem qualidade de dar vida, criando e animando os objetos enquanto os estudamos. (SHAOR, 1986, p. 76)

Difícil precisar o momento exato da mediação, mas na verdade pouco importa, pois o fato em si representa mais que a precisão cronológica. Afirmando ser difícil precisar, pois a narrativa a seguir se passa com um ex-aluno de piano que esteve comigo por mais de seis anos e certamente esse momento teve repetições em que o tema era a Arte, apesar da música.

Este ex-aluno, que me permito omitir o nome por questões éticas, mas aqui vou chamá-lo de “Danilo”, é um jovem senhor de classe média alta, pai e responsável por sua família. Médico formado pela Universidade de São Paulo (USP), intelectualmente muito bem formado e que teve como inspiração na e para a Arte a figura da mãe, que além de professora de piano também pintava quadros e é diante desse aspecto, as pinturas, que seguirá nossa narrativa.

Em certa aula estava o aluno tocando, repetindo exercícios técnicos dos bons e velhos Hanon¹ e Cerny², quando eu ao avistar um quadro, que para mim era novo apesar de freqüentar a casa há alguns anos, pergunto quem era o artista? A essa pergunta ele responde cheio de orgulho que sua mãe era quem havia pintado e isso já tinha ocorrido há muitos anos e que um em certo dia ela lhe dera a obra como presente para a casa nova. [...] “olhar um quadro com olhos de novidade e aventurar-se numa viagem de descoberta é uma tarefa muito mais difícil, mas também mais compensadora. É incalculável o que se pode trazer de volta de semelhante jornada. (GOMBRICH, 1999, p. 13)

De imediato afirmei que o quadro era realmente lindo, o que de fato era, mas sem grandes pretensões sobre aquele assunto, pois até ali não sabia do interesse quase irreal de querer aprender que ele mostrou. Assim, como quem quisesse encerrar o assunto pintura e voltar para a técnica musical, reafirmei a beleza do quadro e em um comentário rápido disse que: “sua mãe neste momento teve claramente influências impressionistas”. Nesse momento ele se mostra interessado, relembra que já havíamos conversado antes sobre minha formação acadêmica e que eu tinha então uma licenciatura como professor de Artes Visuais. Ele me pergunta porque tinha dito aquilo em relação a sua mãe e sobre o quadro? “A criticidade e as finalidades que se acham nas relações entre os seres humanos e o mundo implicam em que estas relações se dão com um espaço que não é apenas físico, mas histórico e cultural”. (FREIRE, 1981, p. 55)

Diante desse questionamento, passei a explicar alguns conceitos que para mim são claros, mas que obviamente para ele não eram. Então disse que - artistas tem “fases” em que algum aspecto de sua produção sofre influências diversas, muitas vezes fugindo do lugar comum de sua produção costumeira, o que leva este artista a novas matérias primas, novos suportes, novos processos de criação e execução etc. Disse ainda que: essas influências podem fazer parte da formação do artista que se viu encaminhado para a Arte após conhecer este ou aquele artista que o influencia em sua produção. Após essa colocação ele retoma perguntando: - Então minha mãe sofreu influencias impressionistas?

A isso eu disse que: - Diante daquela obra afirmaria que sim, mas por não conhecer outras produções dela, não poderia afirmar se era uma fase ou se toda a produção ofereceria nítida leitura impressionista. Então ele questiona:

- Como chegou a conclusão sobre o impressionismo?

- Não é uma resposta difícil eu disse. Cada movimento artístico tem características muito fortes em determinados aspectos, quer seja nas cores, nas formas, nas temáticas, no figurativismo ou no abstrato, enfim, afirmei que muitas poderiam ser as características que

nos levam a ler uma obra como parte deste ou daquele movimento. Porém no caso do quadro em questão, este me lembrava muito algumas obras de Claude Monet e Pierre-auguste Renoir, pois a preocupação com a luz, os traços de contorno não nítidos, as pinceladas são livres, as cores são claras e há brilho nelas etc. Tudo isso os impressionistas colocavam nas obras, na busca principalmente da real impressão que a luz causava sobre o objeto a ser retratado. O quadro dela ainda tinha tons de azul que remetiam demais a Monet.

Neste momento o leitor já percebeu que a música se rendeu a Arte, mas neste instante elas, a Arte Visual e a mediação são as protagonistas e dessa forma estão sendo tratadas, pois esta rendição elucida ainda mais nosso objeto de pesquisa. Percebo que quanto mais falamos sobre Arte, mais a fruímos e mais aprendemos sobre ela.

Nunca se acaba de aprender acerca da arte. Há sempre novas coisas a descobrir. As grandes obras de arte parecem ter um aspecto diferente cada vez que nos colocamos diante delas. Parecem ser tão inexauríveis e imprevisíveis quanto seres humanos de carne e osso. É um mundo excitante, com suas próprias e estranhas leis, e suas próprias aventuras. Ninguém deve pensar que sabe tudo a respeito, pois ninguém sabe. (GOMBRICH, 1999, p. 13)

Então como estávamos imersos nesses aprendizados, disse que o outro fato que me chamava a atenção em relação ao impressionismo foi a ruptura com o passado, características comum de movimentos artísticos emergentes, pois querem de forma abrupta romper de forma definitiva com o passado e isso não foi diferente com o impressionismo que desejava romper com a Arte acadêmica que era vigente à época. Então ele pergunta:

- Qual era o modelo vigente até então? Afirmar que o movimento era o Realismo e o Naturalismo que concebiam ideias acadêmicas sobre a arte, fato que já não “funcionava” para os impressionistas, que estavam em suas pesquisas indo além, para questões como o efeito óptico da luz e das cores.

Percebi que quanto mais falava sobre Arte e desses detalhes que são ferramentas de quem lida de forma direta com a Ela, mas meu aluno se desligava da música e do piano e se encantava com o que podia haver por trás de um quadro. Esse encantamento gerou desdobramentos, pois deixou de ser algo incomum nossas aulas de música se tornarem mediações sobre Arte. Danilo passou inclusive a trazer informações para nossas aulas. “O antigo provérbio de que gostos não se discutem pode muito bem ser verdadeiro, mas não deve esconder o fato de que o gosto é suscetível de ser desenvolvido”. (GOMBRICH, 1999, p. 13)

Foi perceptível que houve um encantamento pela Arte Visual e plástica após o primeiro momento em que tratamos sobre o quadro de sua mãe. Aquele momento que aqui chamo de mediação, foi um claro divisor de águas na vida de uma pessoa que apesar de

extremamente culta, letrada e que como afirmei é constante na busca por mais conhecimento e aprendizado, não fruía a Arte em uma camada um pouco mais interna. Ficou claro, em conversas posteriores que o olhar dele para a Arte mudou, abriu-se um novo olhar nessa relação Arte/Observador a partir de uma mediação não formal e de certa forma despretensiosa.

Entendo que mesmo que não haja pretensão, a mediação pode ocorrer de forma efetiva e mudar entendimentos. Acredito ser importante ressaltar que o aspecto da afetividade se fez bastante presente nessa narrativa por dois motivos, o primeiro é que tratamos inicialmente de um quadro pintado e dado de presente por sua mãe e em diversas vezes o vi lacrimejar ao falar dela. O segundo é que se refere diretamente à pessoa do narrador, é que a relação entre aluno e professor em aulas de música rapidamente supera a formalidade inicial e a própria hierarquia que a situação impõe, momentaneamente, fazendo com que alunos e professores se tornem amigos. Vale dizer que tive alunos comigo por muitos anos, alguns chegando a relações de oito anos ou mais. Novamente relembro Freire (1981) que afirma que as relações entre os seres humanos se dão também em contexto cultural.

Então percebo que a afetividade vista nessas duas narrativas se soma a oportunidade de fazer a mediação ocorrer e também à capacidade intelectual e de formação do mediador, que apesar da não formalidade do momento, precisa estar consciente de sua função. Este também deve ser capaz de oferecer essa mediação de maneira prazerosa, com informações e detalhes que causem motivação para o aprendizado do observador.

A música? Essa ficará para outra mediação...

Histórias profissionais - A formalidade das intenções

Nessa terceira e última narrativa trago uma experiência profissional como tutor em curso de Artes Visuais e a mediação de materiais e conteúdos na elaboração de Artigos Científicos em Trabalhos de Conclusão de Curso. Tenho tido essa prática desde o ano de 2014, onde como tutor web orientei pela primeira vez cinco alunos durante seis meses na disciplina de “tcc”, com temáticas variadas entre Artes Visuais e Música. No ano seguinte, ainda na mesma instituição, outros seis alunos passaram pela mesma disciplina e também com tema variados entre Artes Visuais e Música.

Essas ações foram simples e estão claramente dentro do escopo do que definimos como mediação, pois ficamos nós professores, entre o observador (orientando) e o objeto de pesquisa deste mesmo observador, ou seja, do orientando, mediando possibilidades e bibliografias nas orientações com estes alunos. Essa experiência que eu disse antes ser simples, o é, pois está novamente o mediador utilizando sua experiência, leituras e formação para fazer com que o horizonte do pesquisador novato seja mais fácil, porém muito significativo e relevante para a formação deste.

[...] nosso estar-no-mundo, como indivíduos sociais que somos, é mediado por uma rede intrincada e plural de linguagem, isto é, que nos comunicamos também através da leitura e/ou produção de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; que somos também leitores e/ou produtores de dimensões e direções de linhas, traços, cores... [...] (SANTAELLA, 1983, p. 2)

Seguindo em minha experiência, no final do ano de 2016 entro em uma nova IES de ensino EAD e com isso em uma nova experiência de orientação destes trabalhos de conclusão de curso e é a partir daí que seguirá nossa última narrativa.

Já dentro do ano de 2017 me foi atribuída a disciplina de TCC, semestral e que tem como atividade a construção de um artigo científico com 15 páginas de produção textual, onde o foco de pesquisa deve ser a Arte Visual e assim todas as análises e fundamentações devem, segundo determinação da coordenação seguir esse caminho. Até aqui nenhuma novidade, pois aparentemente seria mais do mesmo que já vinha realizando até então, mas como nada é perfeito para sempre... Descubro então em uma reunião pedagógica, que a turma para essa orientação era a primeira a chegar nessa etapa, pois o curso iniciara seu terceiro ano e os primeiros alunos a serem matriculados nessa disciplina “chegaram”. Então tudo e todos são novos nestes fatos que narro aqui, professor/tutor, conteúdos, alunos, coordenação de

curso e de tutoria, seria a primeira vez para todos nós este momento de pesquisa nessa instituição, no curso e no modelo EAD.

Dessa forma, percebi que nenhuma prática estava estabelecida, nada além do material didático e das experiências particulares da cada um dos envolvidos era concreto, tudo era e seria experimental. Porém, o detalhe mais aterrador ainda estaria por ser revelado. Haviam sido matriculados nessa disciplina em uma turma, cerca de quinhentos alunos. Isso mesmo, quinhentos alunos e a minha pergunta foi o que fazer? Como fazer? E quando fazer? “A relação entre a consciência do projeto proposto e o processo no qual se busca sua concretização é a base da ação planejada dos seres humanos, que implica em métodos, objetivos e opções de valor”. (FREIRE, 1981, p. 35). Pular de cinco ou seis alunos para quinhentos era para mim algo incompreensível e sinceramente impossível de ser feito. Porém, “como missão dada é missão cumprida” (frase ouvida corriqueiramente em nosso ambiente de trabalho), comecei a estabelecer junto com a coordenação do curso alguns critérios para que não perdêssemos o controle de tudo o que estava e o que iria ocorrer. Vale ressaltar que o número final de alunos atendidos nessa disciplina girou em torno de trezentos e cinquenta.

Estes alunos tem que em um prazo de quatro meses cumprir quatro entregas, respectivamente um pré-projeto, uma entrega com a primeira parte do artigo com itens específicos, uma terceira entrega com o desenvolvimento do texto e conclusões e por fim, a quarta entrega, com as orientações e correções sugeridas ao longo deste período, aplicadas ao texto. Assim, na quarta entrega com o artigo completamente finalizado, deverão submetê-lo a uma banca com dois professores.

Como afirma Freire (1981, p. 35) “toda prática educativa envolve uma postura teórica por parte do educador. Esta postura, em si mesma, implica – às vezes mais, às vezes menos explicitamente – numa concepção dos seres humanos e do mundo”. Então a minha ação mediadora se situa entre a abertura da disciplina e o recebimento, correção e avaliação das atividades I, II e III. Neste contexto, fica a avaliação do Artigo finalizado a cargo dos professores citados antes como banca.

Segundo ABED (2017, p. 17) “estamos vivendo em um mundo disruptivo, no qual novas formas de produtos e serviços vêm quebrando paradigmas e modelos consagrados de negócios” e claramente a educação a distância se apresenta como uma dessas rupturas, assim como a própria Arte em seus diversos movimentos artísticos vistos ao longo da história da Arte. Então essa mediação que se dá completamente a distância em ambiente virtual, ocorre da seguinte forma: ao falar com toda a turma faço isso por avisos, entregando orientações gerais sobre formatação do texto e citações, inclusive indicando e publicando

materiais complementares que melhorem o entendimento do grupo a respeito de um aspecto particular do trabalho. Por vezes nos deparamos com situações e dúvidas as quais não encontramos materiais prontos para serem disponibilizados para os alunos, então produzo materiais suprimindo aquela necessidade específica da turma. Outro ponto de orientação se dá através de mensagens trocadas diariamente com os alunos. Apenas como registro, mas não menos importante, vale informar que nesse primeiro ano, troquei mais de mil e quinhentas mensagens com alunos durante o semestre, fazendo apontamentos de forma particular, buscando sanar dúvidas muito específicas de cada aluno.

Ainda assim, inicialmente parece impossível intervir sobre conteúdo e referências bibliográficas de maneira efetiva, já que com esse número de alunos isso dificilmente se estabelece com qualidade. Mas até pra isso busquei saída e então criei listas com obras de referência para cada linha de pesquisa, que podem balizar e fundamentar pesquisas de muitos alunos. Dessa forma vamos buscando possibilidades para melhorar nossa *performance* e ir melhorando a qualidade dos trabalhos que vamos mediando/orientando.

A mediação ocorre de forma mais clara quando na plataforma detalho uma determinada dúvida e a esclareço para a turma. Ocorre também em outro momento quando propomos e executamos web conferências, encontros síncronos com áudio e vídeo, para que todos os alunos possam participar, realizando por vezes duas por dia. Nesses encontros síncronos, faço a mediação do conteúdo geral da disciplina, mas em certo ponto abro pra perguntas dos participantes e então passamos a mediar normas ABNT, contextualização histórica de alguns temas, aspectos conceituais de outros e dessa forma seguimos por aproximadamente uma hora.

Outro ponto que faz da educação um momento artístico é exatamente quando ela é, também, um ato de conhecimento. Conhecer, para mim, é algo de belo! Na medida em que conhecer é desvendar um objeto, o desvendamento dá “vida” ao objeto, chama -o para a “vida”, e até mesmo lhe confere uma nova “vida”. Isto é uma tarefa artística, porque nosso conhecimento tem qualidade de dar vida, criando e animando os objetos enquanto os estudamos. (SHOR, 1986 p. 76)

Como o público EAD é, apesar de todos os levantamentos, um público a ser descoberto, principalmente no aspecto conceitual, podemos ver trabalhos de todo o tipo e qualidade e gostaria, para finalizar este relato, de citar o trabalho de um aluno o qual participei efetivamente da orientação, pois este nos solicitou sistematicamente, dia após dia para realizar o seu trabalho. A necessidade do aluno pode ser entendida por falta de confiança em sua capacidade de construir esse trabalho solitariamente, a partir de orientações como as descritas acima ou mesmo pela própria falta de experiência deste como pesquisador.

Litto e Formiga (2012, p. 18) afirmam que [...] “a tecnologia aplicada aos novos meios de comunicação permite quebrar as barreiras de tempo e espaço, que até recentemente separavam as pessoas, mantendo-as unidas por meio de satélites e redes de computadores”. Neste quadro descrito acima e com este aluno, aqui chamado de Roberto para que se preserve sua identidade, vivemos longos debates por mensagens, e-mails e fóruns acerca de seu trabalho de conclusão de curso. Este já artista plástico com influência cubista trabalhava suas pinturas a partir de formas geométricas. Sua produção consistia até então em utilizar imagens, icônicas ou não, desconstruindo-as para reconstruí-las com figuras geométricas básicas. Durante este processo de reconstrução ele passa a acrescentar cores às formas geométricas e então temos uma imagem “simplificada” se a compararmos com a original, uma espécie de figura infantilizada daquela imagem inicial, mas com uma beleza muito característica. Tal processo de criação tem a intenção, segundo esse orientando, de facilitar o ensino interdisciplinar de Arte, geometria e matemática a partir das formas geométricas básicas. Aqui passo a narrar este processo de mediação com este aluno.

Como primeiro passo e primeira atividade, recebemos dos alunos uma ficha de apresentação e delimitação do tema, um pré-projeto orientado por cerca de trinta dias, onde a partir de informações básicas para a pesquisa, esses alunos mostram sua intenção de tema, objetivos, justificativa, método e materiais e referenciais bibliográficos iniciais. Assim, a ficha do aluno citado nos chegou entre outras tantas, mas muito incipiente e carente de muitas descrições e argumentações do próprio aluno, posso afirmar inclusive que nesse primeiro momento nada teve de interessante tal temática se comparadas com as demais. Diante disso, logo após o período de avaliação dessas “fichas” e entrega de devolutivas e notas, recebo uma mensagem do aluno. Nessa mensagem ele demonstrava estar preocupado com todas as orientações elencadas e acreditava que teria problemas em ir em frente com a pesquisa, porém em nenhum momento questionou a nota ou outro aspecto qualquer do meu retorno. Disse ele que precisaria de ajuda para seguir com a ideia que tivera, pois não tinha noção de como seguir. “A relação entre a consciência do projeto proposto e o processo no qual se busca sua concretização é a base da ação planejada dos seres humanos, que implica em métodos, objetivos e opções de valor”. (FREIRE, 1981 p. 35)

Ainda que óbvio mesmo segundo Freire (1981 p.35) que afirma isso, [...] “toda prática educativa envolve uma postura teórica por parte do educador. Esta postura, em si mesma, implica – às vezes mais, às vezes menos explicitamente – numa concepção dos seres humanos e do mundo”. Então fui a partir dessa mensagem criando um maior interesse nessa pesquisa que ia vendo tomar corpo e fazer sentido. Dessa maneira fomos primeiro entendendo

o objeto de pesquisa, ou seja, a reconstrução das imagens a partir de figuras geométricas básicas e assim delineando os caminhos a serem percorridos e como localizar alguns referenciais para a construção dessa pesquisa. Após alguns dias sem contato com o aluno recebo nova mensagem com alguns possíveis referenciais na geometria e até na matemática, mas ainda sem referenciais na Arte. Logo, diante do contexto apresentado pelo aluno, citei o cubismo como o referencial artístico visual e dessa forma fechamos o que seriam os referenciais para a pesquisa, que ele então passaria a buscar. De imediato o aluno já fez o link com a disciplina de História da Arte que tinha assistido há alguns semestres e disse que iria pesquisar. Isso aparentemente foi o suficiente para que ele pudesse desenrolar boa parte de sua escrita para a segunda entrega, da qual fariam partes itens como a introdução, aspectos conceituais e o contexto histórico de sua pesquisa. A partir desse momento o aluno me encaminhava quase que diariamente esboços de seu trabalho, escritos estes que fomos mediando e apontando as orientações que entendíamos ser pertinentes. Ele então cumpriu o prazo da segunda entrega e me disse em mensagem posterior que já estava com boa arte da terceira entrega pronta, fato que me deixou satisfeito, pois este era um daqueles alunos que de fato procuram o tutor e toda ajuda que este puder lhe oferecer, mas que não se acomoda somente com essa ajuda.

Na sociedade contemporânea, a constante expansão de informações disponibilizadas nos diferentes meios de comunicação existentes, assim como a velocidade com que são veiculadas e acessadas, implica transformações profundas no modo pelo qual se busca construir o conhecimento em suas mais diversas dimensões. (LITTO; FORMIGA, 2012 p. 18)

Cumprida então a terceira entrega, com prazo exato e com todos os itens substancialmente realizados, verifiquei que o aluno de fato havia realizado um trabalho robusto, utilizando bem os referenciais indicados e mostrando um resultado estético final interessantíssimo. Digo isso, pois nesse trabalho a inclusão de cinco imagens é permitida e isso foi trabalhado por ele com extremo bom gosto e eficácia. Apenas para situar o leitor, nesse trabalho a imagem utilizada por ele foi “O beijo”, foto de 14 de agosto de 1945. Nessa foto, onde após o anúncio do final da Segunda Grande Guerra Mundial, em *Times Square*, o fotógrafo Alfred Eisentaedt a serviço da revista *Life*, retrata um casal se beijando. O casal em questão era formado por um marinheiro e uma enfermeira.

O processo de criação deste aluno segundo relatos dele mesmo se inicia com a desconstrução da imagem através de figuras geométricas, tantas quantas forem necessárias para alcançar a decomposição desejada por ele. Então ele começa a remontá-la, a partir das

mesmas figuras geométricas, aplica as cores nas figuras e o resultado é uma grande “brincadeira”, pois torna a imagem mais leve e divertida, o que certamente atrai o olhar infantil. O resultado final apresenta duas características muito específicas, uma é o geometrismo que claramente nos remeteu as influências cubistas de seu trabalho e em outro aspecto, agora relacionado às cores que remetem a Juan Miró, mas talvez mais pela característica infantil que a produção deste aluno toma.

Este trabalho foi um dos cerca de trezentos e cinquenta artigos finalizados e enviados na quarta e última entrega que é avaliada por dois outros professores responsáveis pela disciplina. Para estes, o Artigo deve chegar pronto no que tange a formatação e normas ABNT e conteúdo, para que possam avaliar o trabalho acadêmico finalizado submetido pelos alunos.

Em mais essa narrativa quis mostrar outra ação de mediação em um processo que se consolida a distância, dentro de processos formais de ensino na educação superior, que trabalha também com conteúdos artísticos e que se completa obrigatoriamente em um semestre. Este processo se mostra muito mais complexo de ser realizado que os dois anteriores, pois há diversos atores que tem atuações diferenciadas e tão importantes quanto a do mediador. Neste percurso o mediador não tem a função da mediação costumeira, como a dos museus, mas assim como nas duas outras narrativas descritas aqui, o mediador careceu das mesmas ferramentas para ser efetivo em sua ação, ou seja, precisou da sua bagagem cultural, da sua experiência profissional, de sua formação adquirida através de seus estudos e por fim das suas vivências. Notadamente percebemos que todas essas “ferramentas” ampliam a capacidade do mediador dialogar em níveis diversos de entendimento, para que todos possam compreender os caminhos indicados na mediação.

Vale ressaltar para finalizar que uma grande dose de carinho pelo que se faz e principalmente afeto pelo discente são seguramente boas pistas para o sucesso desta ação que foi descrita aqui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Então chegamos ao final do nosso percurso e apesar de não comum, desejo iniciar com a frase de Perroti e Pieruccini, autoras presentes em nossa revisão bibliográfica e que contribuíram muito em alguns entendimentos.

“Mediar é ato autônomo e afirmativo de criação. Do mundo e de sentidos para ele”.

Vivemos neste curto período de pesquisa e produção a perspectiva de validar a concretude de nossos pensamentos e suposições, todas ancoradas em subjetivismos e “achismos” que nossas experiências e vivências vão impregnando em nós. O artista/professor/pesquisador proposto no meio deste processo de aprendizado e o conhecimento adquirido foram elementos fundamentais na concretização deste momento. Este art/ógrafo permite-se agora abrir e ampliar o olhar acerca do que o envolve, do que realmente lhe impregna a pele, ou seja, as suas sensações, revelando verdadeiramente suas reais motivações para a função que exerce.

A pesquisa procurava entender o processo de mediação cultural e de conteúdos artísticos, para achar resposta para a questão norteadora que desejava saber se existe uma distância – tempo/espço - para que a ação de mediação possa ocorrer de forma efetiva. Porém, para nossa satisfação, além de estabelecermos o entendimento para essa resposta, que para nós ficou clara, fomos além, pois percebemos outros aspectos que inicialmente sequer eram aventados por nós, nem mesmo nos objetivos iniciais, mas que trazem respostas tão importantes quanto a primeira.

A questão norteadora começa a revelar sua resposta ainda na revisão de textos de outros pesquisadores, que somados às nossas experiências profissionais, formação acadêmica, outras leituras e as narrativas apresentadas, mostram que o local onde a mediação ocorre tem um grau de relevância que pode ser desconsiderado. Para que possa ser o mais claro possível, digo que o museu claramente tem sua importância para a história e para a sociedade e isso é inexorável, mas qual diferença há, por exemplo, se o quadro de Pedro Américo, Independência ou morte (1888) for mediado dentro do Museu Paulista da USP (Museu do Ipiranga) por seu educativo ou pelo professor de Artes na sala multimídia da escola? Alguns puristas irão dizer que a vivência no museu não pode ser superada, ao que eu responderia que sim é verdade e eu não discordo disso. A experiência de fato seria fantástica, mas minha

escola não possui verba para esta vivência. Neste caso abandonaríamos a mediação do quadro? Certamente não, pois não poderíamos deixar de ofertar essa oportunidade aos alunos de conhecer o quadro e suas histórias, mesmo que este quadro esteja longe de seu habitat natural. A questão central nesse momento deixa de ser a distância e passa a ser ofertar ou não o conhecimento, a experiência, seja de que forma for e a opção correta escolhida por nós não parece ser discutível.

Aqui se mostra um ponto onde entendemos ter conseguido ir além em nossas descobertas. A oferta da vivência, da mediação, não pode ser pesada apenas em critérios estéticos como, por exemplo, o local apropriado, ela precisa ser pensada racionalmente. Quero dizer que a opção em que a mediação cultural não ocorra não pode existir, ela deve ocorrer independente disto e isto irá ocasionar mudanças sensíveis nos que participam deste momento, pois o conhecimento passado e apreendido pelos observadores promoverá mudanças que atuam no âmbito do sensível destes observadores.

Este se apresenta como outro ponto revelado neste percurso, a importância destas mudanças e onde elas ocorrem de fato. Podemos perceber que a sensibilização que busca a mediação pode ocorrer em níveis diferentes se compararmos os diversos observadores e isso pode ser observado nos momentos das mediações. Assim como alunos em sala de aula, a absorção do conteúdo pode ser mais simples para uns do que pra outros, mas ainda assim ela ocorre. A sensibilização em reação ao conteúdo apresentado ocorre principalmente, quando na mediação contextualizamos este conteúdo ou obra, pois este ato pode colocar o observador dentro da mesma e esta passa a ter e fazer sentido para ele, agindo em instâncias psíquicas que ainda precisarão ser analisadas, mas que claramente são intrínsecas ao processo cognitivo deste mesmo observador. É possível que este seja um ponto fundamental nestes processos de mediação, entender onde exatamente o sensível é despertado no observador e quando este passa a fazer parte da ação de mediação. É possível que isto seja uma pesquisa futura.

Observamos ao longo das leituras e no revisitar de nossas experiências narradas, que há outro aspecto muito caro ao processo de mediação, ele é o afeto. Ficou claro pra nós a importância e principalmente o efeito que o afeto tem nesse processo e ousamos dizer que este se mostra como um pilar incontestável da mediação, independente do por quê, ou para quem seja dedicado este afeto, a sua importância é peça fundamental nestes momentos. Geralmente observamos que este afeto está ligado ao fazer, ao mediar, que tem a intenção de mudar algo, podemos inclusive perceber que o mediador tem a intenção utópica de “mudar o mundo” e pra isso muitos deles assumem essa função. O mediador no momento da mediação entrecruza sentimentos e desejos, sempre com a intenção de sensibilizar o observador, muitas vezes

promovendo o confronto do sensível com o racional, numa espécie de proposição de equilíbrio desses dois. Esse embate revitaliza o homem e certamente tem o poder de humanizá-lo, de emancipá-lo, pois ele se dá em um campo que se presta ao sensível, o campo das Artes.

Entre os elementos que no início do percurso não foram objeto de análise, mas que mostraram ao longo deste algo relevante e além do projetado inicialmente, está a função que a soma da experiência e vivência profissional, da formação acadêmica e os conhecimentos adquiridos através de leituras e vivências cotidianas exercem no mediador para o ato da mediação. Durante o texto chegamos a nominar isso como “a bagagem cultural” do mediador e acredito que essa possa ser sim uma das possíveis definições para a soma destas “ferramentas”, que definitivamente permitem que o mediador tenha a possibilidade de dialogar em diversos níveis para alcançar o que tem como propósito, ou seja, o entendimento do observador.

Então para chegarmos ao fim deste percurso, retomaremos a questão norteadora para de forma mais clara pontuarmos o quê encontramos no final deste caminho.

Vimos que no que tangencia o nosso objeto de pesquisa, o tradicional está nessa contemporaneidade a par e passo com o novo, tecnológico, que permite que o conhecimento de fato possa ser generalizado e oferecido a mais pessoas, em mais locais e em qualquer tempo, as fronteiras agora são psicológicas e não mais materiais. Esse quadro só observa contraponto na figura da resistência que pré-julga o novo.

Nosso objeto de pesquisa tem um modelo tradicional, inquestionável e que viu grandes avanços nos últimos anos, estabelecendo e formando equipes com potencial enorme para executar trabalhos maravilhosos na mediação cultural. Em contraponto vemos que os avanços tecnológicos nos propiciam também grandes possibilidades de mediar cultura e Artes e isso pode estabelecer novos patamares para a mediação cultural, visto que esta pode e deve ser dinâmica, característica que é atributo da tecnologia. Gostaria apenas de ressaltar que apesar de apresentar neste parágrafo o tradicional e o tecnológico como contrapontos, acredito que devam ser entendidos de fato como iguais, complementares às vezes, mas sempre parceiros numa ação que só quer melhorar e sensibilizar o ser humano.

Assim, estamos convictos em afirmar que, tanto a distância como presencialmente, a mediação se adequada pode sim ser efetiva e mostrar excelentes resultados. Porém, entendo que devemos principalmente primar por estabelecer a Arte, seja em qual linguagem for, como ferramenta de reflexão, que faça com que o assunto a ser

mediado proporcione ao observador um novo mundo, onde ele se torne um crítico, um questionador e que se torne um humano melhor.

Enfim, não há distância, qualquer distância servirá se a mediação for adequada.

REFERÊNCIAS

ABED. Censo EAD.BR: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2016 = censo EAD.BR: analytic report of distance learning in Brazil 2016/[organização] ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância; [traduzido por Maria Thereza Moss de Abreu]. Curitiba; InterSaberes, 2017

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Teorias da comunicação / Dante Diniz Bessa. . (Profucionário - curso técnico de formação para os funcionários da educação – Brasília : Universidade de Brasília, 2006 Disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/10_2_teor_com.pdf Acesso em: 07/04/2019

BOURDIEU, Pierre. Escritos da Educação. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (Organizadores). 9. Ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2007

COSTA, Luciano Bedin. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. Revista Digital do LAV - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 66-77 - mai./ago. 2014 ISSN 1983-7348. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1983734815111> Acesso em 15/09/2018

COELHO, Teixeira. Dicionário crítico de política cultural. Cultura e Imaginário. Ed. Iluminuras Ltda. São Paulo. 1997.

COUTINHO, Rejane Galvão. O educador pesquisador e mediador. Questões e vieses. Pós: Belo Horizonte, v. 3, n. 5, p. 46 - 55, maio, 2013.

COUTINHO, Rejane Galvão. Questões sobre a formação de mediadores culturais. Instituto de Artes – UNESP, São Paulo, 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais – 21 a 26/09/2009 - Salvador, Bahia, 3737-3749. Set. 2009 . Disponível em http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/rejane_galvao_coutinho.pdf . acesso 04/04/2019

DUARTE, N. (2000). Vigotski e o “aprender a aprender”: crítica às apropriações neoliberais de pós-modernos da teoria vigotskiana (Col. Contemporânea). Campinas, SP: Autores Associados.

ESCRITA, Acadêmica. O relato de experiência. 2019. Disponível em: <http://www.escritaacademica.com/topicos/generos-academicos/o-relato-de-experiencia/>
Acesso em: 07/04/2019

Freire, Paulo. Ação cultural para a liberdade. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo e SIMÃO, Ana Margarida da Veiga. Abordagem (auto)biográfica – narrativas de formação e de autorregulação da aprendizagem reveladas em portfólios reflexivos. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 198-206, maio/ago. 2011. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/8705/6357> Acesso em 12/04/2019.

GOMBRICH, E. H. A História da Arte. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, c1999.

KUPEIC, Anne, NEITZEL, Adair de Aguiar E CARVALHO, Carla. A mediação cultural e o processo de humanização do homem. Antares: Letras e Humanidades | vol.6 | n°11 | jan-jun 2014. Disponível em <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/2565/1669> acesso em 04/04/2019

LITTO, Frederic M. e FORMIGA, Manuel Marcos Maciel. (Orgs) – Educação a distância: O estado da arte, volume 2. 2. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

MAIA, C.; MATTAR, J. *ABC da EaD: a Educação a Distância hoje*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. (Biblioteca Digital Pearson).

MARTINHO, Teresa Duarte. Mediadores culturais em Portugal: perfis e trajetórias de um novo grupo ocupacional. **Anál. Social**, Lisboa , n. 207, p. 422-444, abr. 2013 . Disponível em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732013000200007&lng=pt&nrm=iso. acessos em 05 abr. 2019.

MOSÉ, Viviane. A escola e os desafios contemporâneos. Organização e apresentação Viviane Mosé. 3ª Ed. Civilização brasileira. Rio de Janeiro. 2014.

OLIVEIRA, Leonardo Davi Gomes de Castro Oliveira. Pesquisa narrativa e educação: Algumas considerações. Educere. XIII Cong. Nacional de Educação. Formação de professores: contextos, sentidos e práticas. 2017. Disponível em http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23688_11993.pdf Acesso em 10/04/2019.

OLIVEIRA, Wolnei Fernandes de. Histórias com Dona Prizulina: Da beira do fogão à cultura visual. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 2009

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. A pesquisa narrativa: uma introdução. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v8n2/01.pdf> Acesso em 11/04/2019

PERROTI, Edmir e PIRUCCINI, Ivete. A mediação cultural como categoria autônoma. Inf. Inf., Londrina, v. 19, n. 2, p. 01 – 22, maio./ago. 2014. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19992/17341> acesso em 04/04/2019.

PINTO, Júlia Rocha. O papel social dos museus e a mediação cultural - Conceitos de Vygotsky na Arte Educação não formal. Universidade Estadual Paulista UNESP. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://periodicos.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/3341/2404> acesso em 04 de abril de 2019.

SANTAELLA, L. O que é semiótica. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos).

SANTOS, Leonel Ribeiro dos. Educação Estética e Utopia Política. Edições Colibri /Departamento de Filosofia da UL p. 203-220, Lisboa, 1996

SHOR, Ira. Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor / Ira Shor, Paulo Freire; tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

TOURINHO, Irene. MARTINS, Raimundo. SOUZA, Eliseu Clementino. (Des)arquivar narrativas para construir histórias de vida ouvindo o chão da experiência. Pesquisa Narrativa: Interfaces entre histórias de vida, arte e educação. 2017

URIARTE, Monica Zewe e NEITZEL, Adair de Aguiar. A pesquisa de intervenção cartográfica em Arte Educação. Universidade do Vale do Itajaí. Volume 21, número 3, setembro • dezembro. Itajaí. 2017. Disponível em https://ead.ufjf.br/pluginfile.php/922413/mod_resource/content/2/2017%20-%20A%20pesquisa%20de%20interven%C3%A7%C3%A3o%20cartogr%C3%A1fica%20em%20Arte%20Educa%C3%A7%C3%A3o_Monica%20Uriarte_Adair%20Netzel_Rev%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Unisinos.pdf Acesso em: 15/09/2018

ZANOLA, Silvia Rosa da Silva. O conceito de mediação em Vigotsky e Adorno. Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n1/02.pdf> acesso em 23/03/2019